**Caio Valente G. Leite, 8563480.**

**A Utopia da Igualdade**

A “utopia”, tão real quanto seu significado, baseia-se em projeções pessoais, a partir de observações, no âmbito da razão, e sensações, no âmbito do sentimento, sobre como seria uma sociedade ideal. Desta forma, a sociedade utópica é única e só existe para cada um que a projeta. Por exemplo: para um indivíduo à margem sociedade e sob condições de miséria, sua utopia poderia ser baseada na aquisição de bens materiais para suprir suas carências; já para outro mais abastado e poderoso, porém pouco reflexivo, uma sociedade utópica seria a que ele mantivesse seu padrão de vida, com privilégios e confortos, perpetuando estes para suas próximas gerações. Portanto, toma-se como objeto de estudo a nação brasileira, como identidade de Estado, com o intuito de se construir um entendimento histórico e racional sobre a situação da mesma atualmente, para posteriormente projetar-se uma utopia, a partir de concepções pessoais, focada no bem-estar. Já que para Aristóteles, em sua obra *“A Política”*, a necessidade de organização, inicialmente, de várias aldeias em uma sociedade, tem como “faculdade se bastar a si mesma, sendo organizada não apenas para conservar a existência, mas também para buscar o bem-estar”.

Primeiramente, necessita-se entender o Brasil como um estado plurinacional: em que, historicamente, juntou-se compulsoriamente diversas raças, das mais diversas etnias e culturas, de índios, negros e europeus, dando origem a uma sociedade tão diversa quanto desigual; em que o poder, podendo-se entender como o “capital”, está nas mãos de poucos privilegiados assim como a posse de grandes propriedades latifundiárias, que chegam ao tamanho de até trezentos mil hectares.

Em um primeiro momento da história do Brasil pós descobrimento, os direitos políticos de um cidadão eram, basicamente, proporcionais às suas riquezas, de terras ou, consequentemente, capital. Em um segundo momento, a partir a adoção do sistema de Estado Democrático de Direito, os direitos políticos foram adquiridos pelos cidadãos comuns, porém as discussões de temas relacionados à política, sempre tiveram seus debates e discussões limitados à alta cultura. E quem sempre possuiu acesso às melhores instituições de ensino? A elite econômica, basicamente brancos de famílias tradicionais de descendência europeia. Desta forma, a sociedade brasileira, como um todo, tende constantemente a se distanciar da esfera política, assim como os políticos se distanciam do cidadão comum, já que estes, com direitos políticos conquistados, representam uma ameaça à perpetuação dos privilégios daqueles.

Mergulhemos mais a fundo na filosofia, mais uma vez tomando como ponto de partida a obra “A Política” de Aristóteles, para que entendamos a origem desta necessidade de sobreposição de classes sociais, assim como da acumulação de renda desenfreada pelos mais ricos e poderosos, na construção da sociedade brasileira atual. Para Aristóteles, em sua obra *“A Política”*, a relação de poder descrita como servidão de uma parte pelo comando de outra, seria inerente e essencial à sociedade, uma vez que a sociedade está inserida em um todo, a natureza, o qual proporciona que estes tipos de relações de poder se desenvolvam de forma natural, intra e interespecíficamente.

A servidão teria dois tipos, ambos ocorrendo naturalmente: a Natural e a Convencional. A primeira dar-se-ia pela associação natural entre dois indivíduos: um que seja a parte mandante e a outra a obediente; já que cada um teria, por natureza, uma predestinação natural para uma e para outra. A segunda dar-se-ia pela prática, prevista em lei na sociedade de Aristóteles, do domínio de um povo pelo outro, através da guerra, podendo levar o dominado como escravo como um instrumento de ação subordinado à vontade de seu senhor. Desta forma seria a condição, de servidão, inerente à natureza do ser humano, e vantajosas do ponto de vista organizacional de uma sociedade. Segundo o filosofo, “há várias espécies de superiores ou de súditos, e o mando é tanto mais nobre quanto mais elevado é o próprio súdito”. Portanto, mais vale ter sob seu poder pessoas do que animais.

Continua....